

## O AUTORITARISMO NA INSTITUIÇÃO PSICANALÍTICA<sup>1</sup>

Antônio Guinho<sup>2</sup>

O dia 14 de março de 1991 inaugura, com certeza, uma nova era no Centro de Estudos Freudianos do Recife. Liderados por ninguém menos do que aquele a quem se atribui a fundação do Centro através da nomeação “Tu és o pai!”, cinco psicanalistas em mesa-redonda intitulada “Psicanálise e Instituição” denunciam a prática de autoritarismo dentro do CEFR.

O tom das acusações é forte e cáustico.

Desde então, o CEF entrou num clima convulsivo, que tem atingido a todos quantos de alguma forma se ligam à instituição, levando a uma sucessão caleidoscópica de acontecimentos, onde os reordenamentos apontam mais no sentido do *acting-out* do que da elaboração através da palavra, ou seja, da primazia do simbólico. Efeitos do primeiro *acting-out* — a mesa-redonda — cujos *locus* apropriado, na minha opinião, teria sido uma Assembleia, não um Seminário.

Muita coisa deixou de ser dita por longo tempo. E o não dito se inscreveu como sintoma no corpo da instituição. A ideia foi recalçada, mas o afeto está visivelmente presente nas insinuações e querelas intermináveis das assembleias onde cada um fala — esta é a minha impressão — da posição de analista, não de analisante, única posição a partir da qual a palavra é legítima, pois que, do lugar de analista não se fala, mas se escuta e se silencia. Mesmo na teoria. fala-se enquanto analisante.

Freud, antes de publicar qualquer coisa, submetia à apreciação de Fliess, seu “analista”. Seus achados, todos sabemos, são em grande parte o resultado da sua

---

<sup>1</sup> Texto apresentado no seminário “Psicanálise e Instituição”, realizado no Centro de Estudos Freudianos do Recife-CEFR, em 23 de maio de 1991. Publicado na Revista Céfiso, do CEFR, em 1991 (nº ?)

<sup>2</sup> Psicanalista. Membro de Intersecção Psicanalítica do Brasil e membro fundador de Interlocação em Desenvolvimento Infantil. Professor da pós graduação em Autismo e Psicanálise da FAFIRE.

"autoanálise ". A mulher era um continente negro para ele, simplesmente por ele ser um homem. Lacan, em seu ensino, dizia falar enquanto analisante.

O clima de fechamento progressivo no CEF é inquestionável.

A hierarquização, a burocratização, o enclausuramento em torno da palavra de Lacan, exclusivamente, são sinais.

Entretanto, atribuir tal fechamento a apenas algumas pessoas, parece-me injusto. Parafraseando: "*las brujas las hay, pero no creo en ellas*". Não vejo sentido na caça às bruxas pois "*las brujas* "somos todos nós. A máxima sartreana" o inferno são os outros" não se aplica à presente situação. O inferno somos todos nós e todos estamos mergulhados no mesmo Hades. Se há opressores, há a conivência e mesmo a demanda do oprimido. " Os candidatos ou iniciantes na prática analítica se mostram muito ávidos de aforismos e de fórmulas bem feitas e já prontas, onde esperam encontrar a chave de ouro (puro!) que resolva todos os casos"

Como nos advertiu Jacques Laberge: "se falta a fala, ocorre o abuso de poder de uns e a cumplicidade passiva de outros. Nunca existe um sem o outro".

Por outro lado, este fechamento não começou ontem. Seus sinais devem estar inscritos desde os começos do CEF. Ou desde antes?

Paulo Medeiros fala em repetição: "A primeira reunião convocada por Jacques Laberge para dar origem ao Centro de Estudos Freudianos do Recife foi um cartel, no sentido de que foram quatro mais um que se reuniram; significativamente aqui estamos quatro respondentes ao um para relembrar certos ideais originários esquecidos.

Porém, mais significativamente ainda, buscando no começo dos começos, temos: "No outono de 1902 Freud remeteu um cartão postal a esses quatro médicos, Kahane, Reitler, Stekel e Adler, sugerindo que se encontrassem em sua residência para discutirem os seus trabalhos. (...) Daí por diante eles adquiriram o hábito de se reunir todas as quartas-feiras à noite para o fim de debaterem os assuntos, na sala de espera de Freud, que era convenientemente mobiliada para o evento com uma mesa oblonga ". Foi assim fundada a primeira sociedade psicanalítica, cognominada "Sociedade Psicológica das Quartas-Feiras " e, posteriormente, "Sociedade Psicanalítica de Viena", no seio da qual foi engendrada a "Associação Psicanalítica Internacional" a IPA, anagrama de PAI na língua portuguesa. Seriam os" quatro mais um" dos começos do CEF uma re-petição?

Sabemos o quanto Freud concordava com a opinião de Ferenczi segundo a qual "o modo de ver psicanalítico não conduz ao igualitarismo democrático: devia haver uma

elite que se colocasse de preferência na linha dos filósofos reinantes de Platão". (Jones, p. 417).

No segundo Congresso Psicanalítico Internacional, realizado em Nuremberg, Ferenczi, por determinação de Freud, apresenta a proposta para a fundação de uma associação internacional com filiais em diversos países; afirma a necessidade de que todos os artigos, apresentados por escrito ou verbalmente, da autoria de um psicanalista, sejam submetidos à aprovação do presidente da associação. Ou seja, institui e centraliza o poder de censura. Ferenczi fala pejorativamente sobre os analistas vienenses e apresenta Jung como o candidato natural à presidência da associação, cuja sede portanto, seria estabelecida em Zurique, para o grande descontentamento de todos os vienenses.

Freud lançou mão de toda sorte de conchavos para apaziguar os ânimos revoltosos decorrentes da proposta apresentada. Usou da influência, da sugestão, da persuasão. Criou um novo periódico, fabricou e distribuiu cargos. Por fim apelou: "...dramaticamente, começando a tirar o paletó, declarou: 'Meus inimigos gostariam de ver-me morrer de fome; chegariam até a arrancar-me o próprio paletó'. "(Jones, p. 418) E assim tudo ficou nos conformes. Quer dizer, nos conformes de Freud.

Em seguida escreveu a Ferenczi: "Suas enérgicas proposições tiveram a má fortuna de evocar tanta contradição que se esqueceram eles de agradecer-lhe pelas importantes sugestões colocadas por você perante todos. Toda sociedade é ingrata: isso não tem nenhuma importância". (Jones, 419)

Como episódio fundador da associação que agregaria a partir daí os psicanalistas do mundo inteiro, o fato se reveste de fundamental importância e denuncia o quanto de ditatorial, arbitrário, manipulador havia no comportamento de Freud e seus amigos mais próximos. A prova cabal disto é que quando a IPA começa a fugir do controle de Freud e desses amigos, dado o temperamento independente do irrequieto Jung, aqueles criam um governo paralelo, o Comitê, "um corpo estável de amigos firmes", que de fato passa a controlar todo o poder da corporação durante longos dez anos.

O espírito do Comitê, proposto por Ernest Jones e prontamente acatado pelos demais "ungidos" (Rank, Abraham, Eitingon, Ferenczi e Sachs), estava claramente evidente nas palavras da resposta de Freud àquela proposta: "O que capturou imediatamente minha imaginação é a sua ideia de formação de uma sociedade secreta composta dos melhores e mais dignos de confiança entre os nossos, a fim de cuidarem do desenvolvimento ulterior da Psicanálise e de defenderem a causa contra as pessoas e os acidentes quando eu não mais existir..." (Jones, p. 495)

O Corporativismo era evidente. Causa nossa? ou *cosa nostra*?<sup>3</sup> (3)

Esse foi o começo da corporação psicanalítica. A partir daí, até os nossos dias, a luta pelo poder se instalou com uma virulência aparentemente inextirpável. As dissensões ocorreram desde o início. O espírito era: “Os que não estão comigo, estão contra mim”. Palavra divergente era sinônimo de expulsão.

Muito tempo depois, em junho de 1964, após a dissolução da Sociedade Francesa de Psicanálise, temos e excomunhão de Jacques Lacan. Um mês depois, a fundação da Escola Freudiana de Paris, cuja dissolução, quinze anos depois, supõe-se, foi patrocinada por Jacques-Alain Miller. E agora, quinze anos após a fundação do CEFR? Sua dissolução orquestrada por Jacques Laberge? Que deslizamentos operam através de tantos Jacques: Lacan, Laberge, Alain Miller?

### **O mal-estar nas instituições**

Gostaria agora de trazer algumas questões levantadas por Eugène Enriquez, psicossociólogo, especialista em análise institucional, cujo aporte à Psicanálise o autoriza a pensar de forma privilegiada a instituição, em especial a instituição psicanalítica.

Pergunta-nos Enriquez:

“Por que os indivíduos e os grupos sociais “funcionam a partir da crença e têm necessidade de viver na ilusão, no disfarce e no erro? Por que o social é antes de tudo o reino da certeza e do esquecimento da verdade? Indivíduos que isoladamente são às vezes capazes de pensamento livre e rigoroso, por quais razões, quando em grupo, identificam-se ao mestre e a seus ideais e sustentam as ações mais absurdas e as menos suscetíveis de favorecer a realização de seus desejos? Em síntese, por que a obediência é tão fácil, a servidão voluntária tão frequente, enquanto a revolta se revela tão difícil e o desejo de autonomia tão frágil?”

“Por que os homens, dizendo-se guiados pelo princípio do prazer e pelas pulsões de vida, aspirando à paz, à liberdade e à expressão de sua individualidade e, dizendo-se conscientemente desejar a felicidade para todos, criam, frequentemente, sociedades alienantes que mais favorecem a agressão e a destruição do que a vida comunitária? Por que as instituições, que os homens edificam, funcionam mais como órgãos de repressão

---

<sup>3</sup> Referência à fala de Paulo Medeiros: “(...) sob hipótese alguma devemos permitir que o nosso Centro se transforme numa ‘Cosa nostra’ ” (Mesa-Redonda de 14 de março de 1991)

do que como conjunto onde a aceitação da regra favorece a sua própria realização e a constituição de uma identidade sólida e maleável? “

Enriquez nos lembra que Freud recolocou como epígrafe dos Estados modernos o “*homo hominis lupus*”, “o homem é o lobo do homem”, de Hobbes e afirma que o “homem parece só ter podido produzir uma sociedade sujeita a convulsões e tentada pelo apocalipse”. (p. 11)

Em seguida o autor nos coloca que o ser humano é ao mesmo tempo um ser pulsional e um ser social. “Todo conflito pulsional se inscreve fundamentalmente como um conflito identificatório. Na medida em que todo ser humano está constantemente dividido (...) entre o reconhecimento do seu desejo e o desejo de reconhecimento (identificação), as pulsões que o animam são obrigadas, para encontrar satisfação, a voltar-se para a existência do outro. (...)

“O pulsional faz parte do fundamento de cada sujeito e do fundamento da vida social. “(Enriquez, pp. 16 e 17). Ou, nas palavras de Safouan, “não é somente sobre o trabalho em comum que repousa a coesão dos grupos, mas também sobre energias libidinais.” Dito de outra forma o *socius* é sócios. Talvez isto explique em parte o ódio que reina dentro da instituição, de forma desvelada ou encoberta. Afinal, nada mais próximo do ódio do que o amor (Eros).

“O discurso de cada sujeito contém as construções fantasmáticas dos grupos sociais em que ele se insere, além de conter suas próprias lembranças, inibições e repetições” (Enriquez, p. 18)

Lembremos com Lacan, que é no Outro que o sujeito se constitui.

A referência à Psicanálise nos revela, segundo nos mostra Enriquez, quatro importantes aspectos concernentes à vida do grupo:

Primeiro: “a inevitabilidade da violência inerente ao grupo”.

Segundo: a questão do retorno do recaiado que nos defronta com o que é “obscuro”, o que é “inominável”, isto é, com o que é excluído do cenário da história.

Talvez possamos pensar que é por esta razão que os psicanalistas se ocupam com tanto afã com o que é obscuro. Nos outros, é claro, em primeiro lugar. Entretanto “se é mais fácil questionar os demais, impõe-se questionar a nós próprios”. (Laberge, p. 1)

Terceiro: a sempre presente possibilidade de dissociação do *socius*.

Podemos suspeitar de que essa possibilidade esteve presente no CEFR desde sempre, de forma encoberta, naturalmente.

Quarto: a “Construção de mitos (religiões ou ideologias) cuja textura garanta à sociedade uma coerência mínima”.

A caracterização da prática ou da instituição psicanalítica como algo que se aproxima de uma religião está presente em diversos autores.

Lacan critica os psicanalistas para os quais "a palavra de Freud é palavra de evangelho" (1) "Não estou querendo dizer — mas isto não seria impossível — que a comunidade psicanalítica é uma Igreja. Contudo, incontestavelmente, surge a questão de saber o que nela pode mesmo fazer eco a uma prática religiosa". (p. 12)

Valabrega diz que “ao chegar à categoria de uma organização coletiva, a Psicanálise tornava-se também, paralelamente, uma religião e uma igreja, com as suas divindades, as suas escrituras sagradas, o seu dogma, os seus profetas, sumos sacerdotes, fiéis, adeptos, hereges (...).” (Valabrega, p. 7).

Luiz Carlos Osório estabelece um paralelo entre a Psicanálise e a prática religiosa, colocando como equivalentes, em algumas instituições psicanalíticas os termos: psicanalista/sacerdote, consultório/confessionário, pacientes/fiéis, zelo/devoção, neutralidade/abstinência, ataques transferenciais/pecado, *insight*/aceitação da culpa, desejo de reparação/absolvição pela penitência, sociedade de psicanálise/igreja, candidatos/noviços, congresso/sínodo, comissão de ensino/colégio de cardeais, corrente psicanalítica/corrente teológica.”(2)

O autor adverte, entretanto, para as diferenças que devem de fato existir entre ciência e religião. “A Religião é o território da certeza dogmática; a Ciência o da dúvida especulativa. A Religião rege-se pelos postulados da fé acrítica e sua práxis remete-nos ao culto do sobrenatural; a Ciência estabelece suas leis a partir da observação crítica e a exerce nos domínios do natural. A religião reverencia o passado (...); a Ciência projeta-se no futuro (...). A religião estrutura sua volição segundo o pensamento mágico; a Ciência cimenta suas verdades com o pensamento lógico. A religião é fundamentalmente evocativa; a Ciência é essencialmente prospectiva. A Religião é normalmente maniqueísta; a Ciência eticamente neutra". (pp. 10-11)

Uma avaliação profunda desse confronto entre Ciência e Religião nos deixa com um sabor amargo de que a Psicanálise e especialmente as suas instituições, estão muito mais próximas da Religião do que da Ciência, por mais que Freud julgasse uma “grave injustiça que as pessoas se recusassem a tratar a Psicanálise como qualquer outra ciência.”

Claude-Lévi Strauss chama a Psicanálise de a “forma moderna da técnica xamanística “. De fato, observamos que tanto a Psicanálise quanto o xamanismo,

funcionam a partir de uma “eficácia simbólica que garante a harmonia do paralelismo entre mito e operações”. (Strauss, p. 232) Tanto um quanto outra, para que operem efetivamente, necessitam de três precondições: que o paciente, que a comunidade e que o oficiante acreditem na cura. Se no xamanismo o feiticeiro recita um mito coletivo para que se opere a cura, na Psicanálise, o analisante constrói “o mito individual do neurótico”.

Esse parentesco da Psicanálise com a religião deve nos deixar sempre alertas para os riscos de a instituição psicanalítica vir a se tornar uma congregação religiosa.

No que se refere à instituição há ainda a considerar dois importantes pontos.

O primeiro é que as instituições psicanalíticas obedecem às mesmas leis que regem todas as demais instituições humanas. (Valabrega, p. 5)

Senão vejamos: após a primeira grande guerra, a psicanálise ganhou repentinamente grande notoriedade a nível mundial. Embora a reação daqueles que estavam próximos a Freud, em Viena, era uma maior preocupação com um estudo mais aprofundado e a sua aplicação aos campos da terapia e da educação, o grupo de Berlim, apressava-se em isolar a Psicanálise do movimento cultural mais amplo e estabeleceu-a como uma especialidade no seio da medicina, criar suas próprias clínicas, suas próprias escolas profissionais, distribuir diplomas, enfim, criar suas sociedades corporativas. A Comissão de Ensino da Sociedade de Berlim regulamentou suas atividades e elaborou um programa de ensino que oferecia uma tutela e monitoração do postulante desde o início até o que é estabelecido como o final da sua formação.

O grupo de Berlim levou a melhor sobre o grupo de Viena e sua orientação se expandiu respaldada acima de tudo pela descoberta do câncer de Freud, que, segundo se acreditava — médicos inclusive — Levá-lo-ia à morte em pouco tempo. “(...) Alguns analistas ficaram intensamente angustiados em razão da perda ameaçadora, querendo estabelecer a todo custo uma barreira contra a heterodoxia. (...) Eles decidiram limitar, através de uma seleção rígida dos recém-chegados e de uma formação coercitiva, autoritária e que se demora com fins de provas, toda admissão final às suas sociedades. Na realidade, eles puniam seus alunos por sua própria ambivalência. Ao mesmo tempo, eles consolidaram a única tendência que Freud sempre quis evitar: restringir a análise, até fazer dela um anexo da psiquiatria”. (Bernfeld in Safouam, p. 20)

Contração e expansão — no entender de Valabrega — são os dois perigos — coexistentes sempre — que ameaçam a instituição. A expansão põe em questão a formação do psicanalista e a transmissão da psicanálise, e esta questão foi sempre o

“deflagrador, ponto de discórdia, linha de clivagem, casus belli, nas crises, nos conflitos e cisões por que passou a psicanálise. “(Valabrega, p. 7)

Não estaria na base da crise que o CEFR recentemente atravessa, o seu movimento de rápida expansão?

O segundo ponto a considerar é a questão da inevitabilidade do poder: “o único verdadeiro problema é o abuso do poder” (Valabrega, pp. 5-6)

O abuso de poder verificou-se dentro da IPA, na Escola, e por que não haveria de se instalar dentro do CEFR? Afinal, filhos ou órfãos de uma ditadura, temos mais este handicap em nosso curriculum para o bom acolhimento de posturas autoritárias. Não entro no mérito da questão do autoritarismo existente ou não dentro de CEFR. Realço apenas que o estar à frente da administração de uma instituição não é a única situação em que o abuso de poder pode se instalar. Nas diversas formas de relacionamento e de agrupamento ele se insinua, na medida em que alguém atribui a outrem um suposto saber ou um suposto poder, que é incorporado por aquele que é colocado nesta posição. Assim não apenas na coordenação da instituição, mas também nos seminários, jornadas, encontros, grupos de estudos, assembleias, publicações, supervisões e — o que é mais perigoso — nas análises, pode haver o mais pernicioso abuso de poder.

Dentre os cinco participantes da mesa-redonda de 14 de março, três queixavam-se de um clima de “mesmice” dentro do CEFR.

Não há nenhuma dúvida de que o discurso do CEFR caminhou no sentido de uma hegemonia da palavra de Lacan. Tínhamos outrora aqui grupos de Psicanálise ...e Mitologia, ...e política, ...e Literatura, ...e Literatura Clássica, ...e Lendas e Literatura.

É próprio da postura de Lacan, a aproximação da Psicanálise a outros saberes: à linguística, à topologia, à antropologia, à filosofia. Freud permanentemente serviu-se das diversas manifestações estéticas para elucidar os seus conceitos: a literatura, as artes plásticas, o texto dramático, a poesia, as lendas, os mitos, o folclore.

Hoje, no CEFR, a quase totalidade dos grupos estuda Lacan por Lacan.

Isso em si mesmo não é ruim. É necessário, imprescindível até, desde que é em torno da palavra de Lacan que nos reunimos. Entretanto, apenas isto, é de fato mesmice. Está claro que os espaços da fala e da escrita dentro do CEFR estruturam-se a partir de um dar contas da prática de cada um através desse exercício mesmo da fala e da escrita. Apesar disso não se exclui daí a possibilidade de um questionamento das “verdades “da Psicanálise, a aproximação com saberes afins, a evasão poética, ou seja, a metáfora



também, além da metonímia, (Enriquez, p. 20) enfim a *poiésis*, de cujo domínio — segundo Lacan — faz parte a Psicanálise.

A moda passa. Sartre, Camus, Marcuse, Macluhan, Margaret Mead, enquanto moda, passaram. Lacan, Lévi Strauss, Foucault, enquanto moda, passarão.

O culto ao personagem só pode nos conduzir a uma diminuição da capacidade de reflexão, ao discurso convicto onde a dúvida metodológica não encontra guarida, à redundância, enfim à racionalização. Para Enriquez “a racionalização não é outra coisa senão a perversão da razão. (...) Todo discurso que pretende suprimir os “estados de alma” é efetivamente um discurso sem alma, um discurso oco. (...) A verdade é sempre carnal”. (pp. 19-20),

Todos se beneficiam, em sua formação, de toda a fala e de toda a escrita produzida no CEFR. Acho, entretanto, que imitando Freud, precisamos nos arriscar, aprendendo com o novo.

Para se tornar membro (!) participante do CEFR, basta, àqueles que já têm uma participação efetiva, apresentar um pedido de homologação. Homólogo significa, literalmente, mesma palavra. Dizer a mesma palavra, seu homólogo, no CEFR, significa abordar a Psicanálise e conseqüentemente outros saberes, a partir da palavra de Lacan ou significa ecolalia?

Para se tornar membro efetivo é necessário, a partir de proposta lançada por Laberge, “escrever para se inscrever “. Não se trata efetivamente de escrever qualquer coisa, mas também não se trata de costurar com linha da mesma cor a palavra de Lacan. A repetição, inevitável, é da pulsão de morte. Devemos falar enquanto analisantes, não enquanto bons alunos que aprenderam a lição. Isto é, devemos nos servir da palavra plena, não da palavra morta. A nossa teorização deve estar eivada do vivido, — na análise pessoal e na prática clínica — não do apenas lido. Deve expressar a nossa dúvida, não a certeza. Afinal, mesmo na repetição o desejo insiste. Freud reformulou seus conceitos a vida inteira. Aprendemos acima de tudo através dos seus fracassos. Sua teoria foi edificada sobre os alicerces do vivido. Assim, ao invés de “escrever para se inscrever”, melhor seria “escrever para se inscrever”. Apenas esta escritura cabe na proposta de Laberge pois que “remete às inscrições no inconsciente de cada sujeito tentando decifrá-las, não somente no divã, mas quando toma a palavra, produz uma escrita, única maneira de se arriscar na instituição analítica à castração simbólica “. (Laberge, p. 3)

Se temos nos debruçado com afinco no estudo e nas produções do inconsciente do sujeito, pouco ou quase nada temos aprendido sobre as produções inconscientes da

instituição. Precisamos refazer a história da Psicanálise, o que vale dizer, reescrevê-la, desde as reuniões das quartas-feiras na casa de Freud, até os nossos dias, aqui e agora.

No que concerne ao movimento deflagrado por Lacan, com a fundação da Escola Freudiana de Paris, sabemos que, no que pese a seriedade da sua proposta, a inovação que introduz com o questionamento de uma instituição burocratizada, centralista, autoritária, conduzida por cânones automeados, foi um movimento que resultou em fracasso, por diversos motivos:

1º) Lacan se colocou na direção da Escola do início até o fim.

2º) Confundiu organização com administração. Como dizia Max Weber, “toda administração é uma dominação “. Pierre Lagendre atribui o fracasso da Escola ao fracasso de uma administração centralista. (Safouan, p. 63) A posição de administrador é a de sujeito suposto saber. (p. 64)

3º) Lacan designou e manteve em seus postos pessoas para diferentes tarefas, durante cerca de vinte anos. “A assembleia geral se limitava a ratificar as listas propostas por ele”, modo que “caracteriza as organizações fundadas sobre a autoridade carismática “. (p. 64)

4º) A Escola sofreu, mais que uma expansão, uma inchação: dos quase cem membros iniciais, passou, afora os correspondentes, a mais de seiscentos no momento da sua dissolução. Tomou-se uma espécie de movimento cultural. Transformou-se, nas palavras de Safouan, “num corpo que não era nem carne nem peixe”. (p. 65)

5º) “A Escola tornou-se não um 'Centro de operações contra o mal-estar da civilização', mas antes um lugar onde, sob a aparente unidade fundada na devoção ao mestre, cada um era na realidade o inimigo de todos". (p. 65)

6º) O desvirtuamento do passe proposto por Lacan.

O que os candidatos verdadeiramente desejavam era não um testemunho, mas o direito à “carteirinha” de Analista da Escola que o tornava “o único analista que contava, o verdadeiro, o didata, o teórico, etc.". (p. 66)

7º) Os cartéis, também propostos por Lacan, foram utilizados com fins políticos, onde um “emérito analista” chegou a ser o mais-um de dezoito cartéis, o que é humanamente impossível. (Alduísio e Jerusalinsky in Safouan, p. 11)

8º) A escola centralizou-se na autoridade carismática de Lacan. Logo se depreende dos itens acima que a pessoa de Lacan esteve sempre no centro de tudo, do sucesso e do fracasso, como se fora o único cérebro pensante e pulsante da instituição. Aos demais cabia obedecer.

Quanto ao CEFR precisamos igualmente reescrever a sua história e repensar o seu destino. Para isto, creio que a primeira interrogação que precisamos nos colocar é: o que é uma instituição? E em seguida: o que podemos esperar ou fazer da instituição?

Vejamos o que se pensa sobre isto:

“Todos os sistemas e padrões institucionais são maus “. (Valabrega, p. 5)

“Falar de uma instituição psicanalítica é uma contradição de termos”. (Safouan, p. 38)

“Aquele que ousa tentar instituir um povo, deve se sentir em condições de mudar, por assim dizer, a natureza humana”. (Rousseau, in Safouan, p. 63)

“Não há fraternidade, mas fraticídio” (Medeiros)

Pelo que dizem esses pensantes, é então a instituição e em especial a instituição psicanalítica uma impossibilidade?

Todos sabemos que a psicanálise sempre se manteve a margem das instituições oficiais desde o seu começo, não por vontade própria, mas pela natureza do que os seus conceitos promulgavam, que ia de encontro à moral (falsa, claro) da burguesia dominante de cujos quadros fazia parte o corpo acadêmico de então.

O próprio “Comitê”, fundado por Freud e seus amigos mais chegados, tinha a natureza de uma sociedade secreta, marginal portanto.

Por outro lado, as tentativas de institucionalização da Psicanálise redundaram, repetidas vezes, em crise.

Para Valabrega não é apenas a Psicanálise, mas também “a economia, a política, as ideologias, o ensino, a questão social, as bases institucionais, que apresentam o quadro de uma situação desordenada, confusa, cacofônica, de árdua compreensão”, que lhe evoca apenas uma palavra: crise. (p. 3)

Entretanto Alduísio e Jerusalinsky nos colocam que “a direção de uma instituição deve sempre estar em medida de reconstruí-la na sua unidade, colocando-a em crise”. (in Safouan, p. 11). Não nos surpreendemos com esta proposição aparentemente contraditória, quando atentamos para o significado da palavra crise (do grego, Krisis) que além do sentido de luta, litígio, desenlace, traz também o sentido de ação ou faculdade de discernir, processo, decisão, resultado.

Por mais que instituição e crise ou agrupamentos humanos e crise estejam associados, a transmissão da Psicanálise impõe o agrupamento dos que estão nela interessados. Por diversas injunções, jurídicas especialmente, esses agrupamentos terminam por institucionalizar-se. A questão reside em saber se é possível inventar um

‘novo modo de instituir-se’ que escapasse do que Jacques Chevalier chama de ‘processo de institucionalização’, fadado a uma repetição por ele comparada ao retorno do recaiado, e que faz com que as “forças instituintes se achem na obrigação de reproduzir o mesmo modelo de poder institucional que elas combatem “. (Safouan, p. 39)

“O remédio — nos diz Lacan — não é que os institutos sejam menos estruturados, mas que não se ensine neles um saber pré-digerido, mesmo se ele resume os dados da experiência analítica “. (Safouan, p. 43)

Esse novo modo de instituir-se, segundo a ideia mestra da Ata de Fundação da Escola, dar-se-ia em torno da “transferência de trabalho”. Esse trabalho deve ser o resultado do permanente questionamento da prática de cada um e da instituição. “Um ensino sem questionamento permite um progresso de acumulação. (...) Um ensino que responde à demanda do aprender, no sentido de adquirir conhecimentos comuns, é um ensino que engana a ignorância“. (p. 43)

Enriquez demonstra a possibilidade de uma “sociedade de autogestão onde os homens acederiam à sua autonomia e realizariam sua essência “. (p. 11) Aponta também que a Psicanálise permite fazer a conexão entre "os processos individuais, o funcionamento dos grupos e as regulações sociais “.

Penso que temos muito a aprender com a experiência e mesmo o fracasso da Escola. Os cartéis e o mais-um, o passe, a “transferência de trabalho”, precisam ser repensados e discutidos pelo Centro, sem isso necessariamente implicar na postura de colonizados ou na ecolalia da *École*. A palavra de Freud — criticou Lacan — é evangelho. A palavra de Lacan é, para nós, Evangelho? Nosso compromisso maior deve ser com a verdade, não com a certeza. Freud reavaliou suas” verdades” durante toda a vida.

É possível um instituir-se em que o lugar do aparelho administrativo seja substituído por um lugar — como propõe Claude Conté — “que torne cada um atento ao que sua posição comporta como consequência para a instituição”. (Safouan, p. 67)

Agora retorno à posição de Freud/Ferenczi segundo a qual “o modo de ver psicanalítico não conduz ao igualitarismo democrático”.

Faço minhas as palavras da psicanalista Carmen Cardoso no texto “Uma Experiência de Transmissão da Psicanálise — O Projeto de Formação Psicanalítica do Círculo Psicanalítico de Pernambuco”:

“A psicanálise tem, a meu ver, na sua especificidade e radicalidade, uma estreita afinidade com a democracia, uma sintonia fina com este sistema social, político e econômico fundado na negociação contínua e permanente entre desejo e limite, que tem

o pacto (triste palavra esvaziada hoje) como a condição fundante da ordem social. Pacto que firma uma lei, representante desta ordem social, e estrutura o espaço para a ação dos sujeitos-agentes, fazedores da História: — História Pulsional e História Social“. (p. 3)

Vivemos todos suficientemente uma experiência de arbítrio e autoritarismo que nos faz não desejar outra coisa que não seja a convivência democrática. Não através de belos discursos: o discurso libertário cabe inteiro dentro da boca do tirano. Mas através da permanente autocritica e do confronto aberto das nossas discordâncias, como propôs Laberge:

"Precisamos aprender a confrontar em debate aberto, frequente, nossos imaginários (lutas de prestígio, rivalidades), expressar nossas singularidades, diferenças, discordâncias, para chegarmos a trocas simbólicas em vista da produção, na criatividade singular de cada sujeito. Pois somente isto pode nos permitir superar nossas mágoas e destrutividades, ultrapassando o espelhismo grupal mortífero, grupo *versus* grupo, que leva a fragmentações, isolamentos, dissoluções, muitas vezes frutos de incapacidade de conversar e do peso de fórmulas fáceis, representadas pelo lema “que os descontentes se retirem”, revivência de outro lema de triste memória que a recente história consagrou no vel “ame-o ou deixe-o”. “(p. 7)

Penso que seria apropriado e é isto que proponho neste momento, a criação de um Fórum Permanente de Discussão sobre as questões da instituição, incluindo aí a história do movimento psicanalítico desde o seu início, passando pela IPA, pela École e pelo próprio CEFR; o estudo e a reflexão sobre a questão da formação e tudo o que com ela possa se relacionar, ou seja, a autorização, o reconhecimento, a análise didática, o passe, o cartel com o mais-um, a transferência de trabalho, etc.; o estudo sobre a instituição, não especificamente a instituição psicanalítica, mas as leis que regem o funcionamento de qualquer instituição. Enriquez já mostrou como os textos “sociológicos” de Freud apontam nesta direção, afora os estudos da psicossociologia.

Acho também, que o espaço da *poiésis* no CEFR, deveria ser resgatado.

Finalizo, a título de epílogo, com as palavras de Safouan: “Não há formação psicanalítica possível em uma instituição que não deixa a palavra para quem quiser tomá-la, para dizer de seu nascimento a partir do que ele era sem o saber”. (Safouan, p. 70)

## Referências bibliográficas

- VALABREGA, Jean-Paul - A formação do Psicanalista. Liv. Martins Fontes Ed., SP 1983 (p. 43)
- LABERGE, Jacques - A Volta de João Galafoice (p. 2). Texto apresentado na mesa-redonda de 14 de março de 1991.
- MEDEIROS, Paulo Roberto - Psicanálise: Feminino. Singular, CEFR: Feminino x Matriarcado... Plural x Coletivo (p. 1) Texto apresentado na mesa-redonda.
- JONES, Ernest— Vida e Obra de Sigmund Freud, Zahar Ed., 3E Ed., RJ, 1979 (pp. 372-373)
- ENRIQUEZ, Eugène — Apresentação in Da Horda ao Estado - Psicanálise do Vínculo Social, Jorge Zahar Editor, RJ., 1990.
- SAFOUAN, Moustapha — Jacques Lacan e a Questão da Formação dos Analistas. Ed. Artes Médicas, P.A., 1985. (p. 18)
- LACAN, Jacques - O Seminário, Livro 11 — Os Quatro Conceitos Fundamentais da Psicanálise, Jorge Zahar Ed., 2ª Ed., RJ. 1985 (p. 180)
- OSÓRIO, Luiz Carlos — O Futuro da Psicanálise — A) Como uma 'weltanschauung', Jornal ,
- GRADIVA, nº 46, março-abril 90, (pp. 10-11)
- FREUD, Sigmund — Um Estudo Autobiográfico, in Ed. Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas, Imago Ed., RJ, 1976 (p. 74)
- STRAUSS, Claude-Lévi - Antropologia Estrutural, Ed. Tempo Brasileiro. 2ª Ed., RJ, 1985. (p. 236)